

A REALIDADE HUMANA NO CÂNTICO LITÚRGICO PÓS MEDELLÍN: ANÁLISE NO HORIZONTE DA METAFÍSICA ZUBIRIANA*



Valeriano dos Santos Costa**, Deivid Rodrigo dos Santos Tavares***

Resumo: *o artigo tem como objeto apresentar o compromisso com a realidade humana e mostrar que o canto litúrgico iluminado pela hermenêutica do Concílio Vaticano II feita pela Assembleia de Medellín expressa a realidade latino-americana, assumida pela Igreja dos pobres e para os pobres. Desta forma o cântico litúrgico expressa a dimensão salvífica da liturgia encarnada na busca de libertação. Para realizar o intento, abordaremos em linhas gerais a ideia de inteligência senciente, como base fundamental para o conhecimento, segundo Zubiri. Então a liturgia canta o mistério celebrado como passagem da morte para a vida, reforçando a busca de libertação dos povos oprimidos.*

Palavras-chave: *Medellín. Realidade. Senciente. Música. Zubiri.*

Neste artigo vamos ver como o canto litúrgico pós Medellín adquiriu em muitas comunidades, sobretudo no ambiente dos mais pobres, um caráter que aponta para a utopia de um mundo novo semelhante ao sonho indígena de uma “terra sem males”. O mito da terra sem males é forte na cultura guarani. Ele toca no profundo anseio humano por um mundo melhor, mais pleno e feliz para todos. Isso foi possível a partir da hermenêutica do Concílio Vaticano II realizada pela Assembleia de Medellín. Para isso vamos utilizar como instrumental de leitura a metafísica e a noologia do filósofo contemporâneo Xavier Zubiri, que, oferece uma chave de leitura da realidade que brota de uma forma inédita do conheci-

* Recebido em: 04.09.2019. Aprovado em: 27.04.2020.

** Doutor em Sagrada Liturgia (Pontifício Instituto Litúrgico Santo Anselmo, Roma). Professor em Teologia Sistemática (PUC-SP). Pesquisador Líder do Grupo de Pesquisa Teologia Litúrgica. *E-mail:* vscosta@pucsp.br

*** Bacharel em Teologia (FAJE). Mestrando em Teologia Sistemática (PUC-SP). Membro do Grupo de Pesquisa Teologia Litúrgica. *E-mail:* deivid@paulus.com.br

mento que ele chama de “inteligência senciente”, em oposição à “inteligência concipiente”. Esta é a teoria do conhecimento que chegou até nossos dias, separando sentir e sentir. Todas as pessoas sensatas, no plano da fé e da vida simples de cada dia, nunca separaram sentir e entender como duas faculdades distintas, pois se sente entendendo e se entende sentido. É assim que a vida funciona. É por isso que nossos Pais e Mães da fé e os santos e santas em geral falavam com a natureza e naturalmente se sentiam parte dela. Neste sentido, os Doutores e Doutoradas eram também santos, porque nunca falavam de Deus sem sentimento. Portanto falavam do que sentiam, do que estava no coração e, ao mesmo tempo, na inteligência.

Este artigo pretende mostrar que a Conferência de Medellín representou um passo gigantesco no âmbito do canto litúrgico, quando, ao modo do pensamento zubiriano, trouxe para a terra um Deus que jazia nas alturas. Em princípio isso não é novidade, muito ao contrário. Essa iniciativa foi feita pelo próprio Deus, quando já na Criação planejou ele mesmo fazer da terra o lugar de encarnação. É um Deus que habitou entre nós, para que pudéssemos ser gratuitamente assumidos na sua divindade.

Contudo, sustentada pela filosofia em geral, mas sobretudo a que enviesou pelo idealismo em cada época, a Teologia, em algumas de suas configurações, continuou a insistir em manter Deus nas alturas e o homem na dificuldade de ter acesso à divindade. Mais fácil então falar de Deus do que falar com ele em atitude teologal. que corresponde à *theologia prima* ou *lex orandi* do âmbito litúrgico. O limite deste artigo é ter que lidar com conceitos tão novos e inéditos no pouco espaço que um artigo científico dispõe. No entanto, enfrentamos o desafio e esperamos não sucumbir ao próprio limite apontado, avançando no propósito original.

A CONFERÊNCIA DE MEDELLÍN

A II Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano e Caribenho (1968) se deu em Medellín, na Colômbia. Havia três anos do encerramento do Concílio Ecu- mênico do Vaticano II (1962-1965). Foi um acontecimento de grande monta para a Igreja na América Latina e no Caribe, destacando-se pela abertura à ação profética libertadora em prol dos menos favorecidos. Desta forma, Medellín fez uma recepção do Concílio Vaticano II que captou sua profundidade teológica libertadora.

Uma das frentes mais destacadas do Concílio foi a renovação litúrgica, cuja riqueza de elementos continua sendo estudada mais de meio século depois (Med 9,1). Com certeza, Medellín provocou uma autêntica atualização no âmbito da música litúrgica, traduzindo com ela a vida e as esperanças dos cristãos latino-americanos. Por questão metodológica, vamos seguir abordando o que

é realidade em Zubiri, já que é neste conceito zubiriano que o nosso artigo se move, no intento de mostrar a força da música litúrgica na apreensão da realidade latino-americana e no conseqüente desenvolvimento pastoral da Igreja nesta região das Américas. Para Zubiri, realidade é “atualidade” na inteligência. Nesta linha, veremos que a América Latina se tornou objeto de atualização a partir do Concílio Vaticano II. Assim, sobretudo no pensamento cristão, a América Latina não tinha o destaque que adquiriu no Pós-Concílio.

A REALIDADE EM ZUBIRI

Quem é Xavier Zubiri? É um filósofo contemporâneo que levou a fenomenologia espanhola ao seu estágio mais avançado. Seu mérito é ter forjado uma ideia de inteligência diferente de tudo o que se tinha até então: a inteligência senciente (ZUBIRI, 2011a, p. 137), enquanto “mera atualização do real como real” (ZUBIRI, 2011a, p. 137). É o perfil de um estudioso que buscou uma luz para superar a velha teoria do conhecimento que chegou até nós.

Realidade enquanto atualidade intelectual é o eixo do pensamento de Zubiri (1898-1983). Para ele, atualizar significa tornar presente na inteligência humana tudo aquilo que se dá a conhecer. Logo, realidade não é “a coisa” fora da inteligência, mas aquilo que é atualizado na inteligência. Portanto, realidade é formalidade segundo a qual apreendemos em um único ato que se dá em três modos: apreensão primordial, apreensão em logos e apreensão em razão. Na apreensão primordial ocorre um contato direto e radical sem nenhuma intermediação. Nela se apreende a “coisa” em e por si mesma como um bloco “compacto”. Esta apreensão é fundamental, mas insuficiente para o conhecimento do apreendido. Então a partir daí e, quase concomitantemente, sem sair da realidade, continuamos a apreender em modalidade de logos e razão na linha do aprofundamento. A realidade apreendida *direta, imediata e unitariamente* determina o chamado “*campo de realidade*”, onde tudo o que foi apreendido se encontra em respectividade” (ZUBIRI, 2011b, p. 15). Não se trata de um campo espacial, mas de um caráter de cada coisa apreendida, pois “cada coisa real é intrínseca e formalmente campal” (ZUBIRI, 2011b, p. 16). É aí se dá a linguagem, “pois o logos consiste em dizer declarativamente algo acerca de algo” (ZUBIRI, 2011b, p. 30). E esta “declaração não pode ser feita senão desde outra coisa do campo” (ZUBIRI, 2011b, p. 31). É o momento da dualidade do logos. Porém um dos caracteres do exercício da liberdade é a busca cada vez mais profunda do real de cada coisa. Já estamos falando da apreensão em razão, “pois o real de cada coisa é algo que nos impele a esse ‘mais’ próprio da realidade” (ZUBIRI, 2011b, p. 46). E esse “mais” nos obriga a buscar a razão da coisa campalmente inteligida. É mais especificamente o pensar.

Depois desta rápida e sumária apresentação dos modos de apreensão da realidade no pensamento de Zubiri, poderíamos dizer que no nível primordial se dá o *espanto* e a *atração*, que geram o *interesse* e a necessidade imperiosa de apreender mais e mais, uma vez que o apreensor é instalado na realidade apreendida em e por si mesma, e não pode senão agir de acordo com ela. E por que isso acontece? Porque a realidade tem *força* e o real tem *poder* (ZUBIRI, 2010, p. 110). Neste sentido, o pensamento zubiriano desmantela a ingenuidade antropológica que vigora sobretudo no Ocidente, em que o homem se imagina todo-poderoso e articulador do universo. Mas não é assim. A noologia zubiriana mostra como estruturalmente isso é falso, pois se o homem tem o privilégio de ser “animal de realidades”, precisa reconhecer para o seu próprio bem e para o bem da sociedade a força da realidade e o poder do real (ZUBIRI, 2018, p. 310), que, de uma certa forma, subjugam-no. Quando a realidade é Deus, a salvação ocorre, mas o processo é o mesmo de qualquer outra realidade. Por isso diz o Profeta: “Seduziste-me, Senhor, e eu me deixei seduzir, tu de tornaste forte demais para mim, tu me dominaste” (Jr,20-7). Está aí o princípio básico de toda vocação cristã.

Ao falar de realidade latino-americana em interface com o pensamento de Zubiri, estamos nos referindo a uma situação contraditória de pobreza apreendida em nossa inteligência, isto é, sentida e inteligida com coração e alma. Trata-se, portanto, de inteligência do real na inteligência senciente. Esta inteligência constitui o marco fulcral na metafísica e na noologia zubirianas. A inteligência *senciente* se contrapõe à inteligência *concupiente*, que segundo Zubiri, marcou a teoria do conhecimento sobretudo no Ocidente. Enquanto a inteligência senciente vincula inexoravelmente o sentir e o inteligir como um único ato, a inteligência concupiente separa o sentir e o inteligir como duas faculdades distintas e até opostas (ZUBIRI, 2011a, Prólogo Iiii). Nas palavras de Zubiri, “diferentemente da ideia clássica, delimitamos aqui uma ideia diferente de inteligência: a inteligência senciente” (ZUBIRI, 2011a, p. 137). É preciso dar um salto no conceito de realidade enquanto inteligência da coisa em e por si mesma. Realidade é aquilo que fica em nossa inteligência. Portanto não se trata de conceitos arbitrários, mas de uma realidade que representa o que os fatos dizem (ZUBIRI, 2011a, p. 06).

O sentir e o inteligir não podem ser considerados a mesma coisa, mas também não podem ser dissociados, pois são dois momentos de um único ato de apreensão na inteligência senciente (TEJADA; CHERUBIN, 2016, p. 228).

Segundo Zubiri, a arte é um saber que faz o humano ater-se à realidade por meio do sentir intelectual. Isto, porque o sentir, enquanto sentir, é sempre intelectual, como a inteligência é sempre senciente. Então trata-se de realidade *sendo*. Assim o sentir é ser de verdade e sendo verdade é real (ZUBIRI, 2011a, p. 15). Como está definido que realidade é o apreendido na inteligência, “a verdade é uma qualidade da inteligência, enquanto nela está presente o real” (ZUBIRI, 2011a, p. 169).

Para Zubiri, ao contrário da inteligência concipiente, a realidade é “física”, porque não é uma ideia ou um mero conceito dissociado da realidade física. É assim porque o conceito senciente não surge de uma especulação sobre a realidade, uma especulação lógica. Portanto o conceito é físico. É real. E isso distingue a filosofia de Zubiri de toda a filosofia que o antecedeu (ZUBIRI, 2011a, p. 155).

Quando o humano conceitua a partir da realidade, ele tem uma noção do que é a realidade e seu conceito adequado (logos). Sente intelectivamente e, ao sentir, ele apreende primordialmente a realidade. Como já foi dito, posteriormente e quase concomitantemente, há dois modos de apreensão da realidade que, na verdade são um desenvolvimento imperativo da apreensão primordial: a apreensão em logos e em razão. A apreensão em logos é considerada apreensão dual, porque toma distância da coisa apreendida em e por si mesma, para conhecer mais profundamente o que ela é em seu conteúdo e em seus processos internos. Ao se afirmar isto, parece que a apreensão em logos e em razão, por estarem na linha do aprofundamento, são mais importantes. Tudo menos isso. Ao contrário, a apreensão primordial é a mais importante, porque ela “apreende a realidade em apreensão *direta*, do real, não através de representações ou imagens; é uma apreensão *imediata* do real, não fundada em inferência, raciocínios ou nada similar; é uma apreensão unitária” (ZUBIRI, 2011a, p. 187). Este modo primário e radical de apreensão é “fixação”. Pois bem, esta fixação enquanto ato modal de inteligência é *atenção* (ZUBIRI, 2011a, p. 189). É o momento de “centração” e “precisão” daquilo que está sendo apreendido “centradamente”. O resto fica à margem do centro e permanece impreciso (ZUBIRI, 2011a, p. 189). Significa que não se rompe com o resto, mas não se o centra, enquanto a primordialidade desta apreensão estiver em voga, isto é, enquanto o apreensor estiver retido no real em apreensão. E esta voga depende de três qualidades com que se apreende. Zubiri as chama de *indiferença*, *detimento* e *absorção*. Significa que a indiferença funciona ao modo *en passant* pois não há interesse para se deter na coisa; no detimento há um olhar breve e rápido que não consegue reter o apreensor no apreendido; diferentemente, na absorção ficamos na coisa real como se não houvesse mais do que ela (ZUBIRI, 2011a, p. 191). Pode-se falar num olhar duradouro de quem está retido no apreendido. Guardemos estas noções ao abordar a realidade latino-americana e a sua apreensão intelectual.

A REALIDADE LATINO-AMERICANA

Nesse ponto, Zubiri ajuda a compreender a realidade da América Latina envolta em opressão e pobreza. Vejamos o que as Conclusões de Medellín (Med. 9,4) dizem sobre a celebração litúrgica:

No momento atual da América Latina, como em todos os tempos, a celebração litúrgica comporta e coroa um compromisso com a realidade humana, com o desenvolvimento e com a promoção, precisamente porque toda a criação está envolvida pelo desígnio salvador que abrange a totalidade do homem.

Então a Igreja faz memória do rico caminho de hermenêutica e aplicação das diretrizes geradas pelo Concílio Vaticano II. A grande riqueza alcançada pela Conferência de Medellín foi o olhar para o pobre, reconhecendo a Deus por meio dos pobres, como bem expressa o documento conclusivo:

Assim sendo, não se acha 'desviada', mas 'voltou-se para' o homem, consciente de que 'para conhecer Deus é necessário conhecer o homem'. Pois Cristo é aquele em quem se manifesta o mistério do homem; procurou a Igreja compreender este momento histórico do homem latino-americano à Luz da Palavra, que é Cristo. Procurou ser iluminada por esta palavra para tomar consciência mais profunda do serviço que lhe incumbe prestar neste momento (Med. Int. 1).

A novidade da Conferência de Medellín foi, enquanto Igreja, ouvir o grito dos pobres e seu clamor por libertação que ecoava em todos os cantos do Continente, por causa do sofrimento provocado por ditaduras e desigualdades sociais:

Porém, diante desse olhar novo, não se pode esperar que todas as correntes eclesiais estivessem alinhadas. Por isso escreveram alguns autores: “E chegam igualmente até nós as queixas de que a hierarquia, o clero e os religiosos são ricos e aliados dos ricos” (PADIN; GUTIÉRREZ; CATÃO, 1998, p. 195). Isso mostra que Igreja faz parte da história e participa de seus momentos de contradição

Medellín aconteceu como uma releitura do Concílio Vaticano II para a América Latina (BRIGUENTI; PASSOS, 2018, p. 151), na perspectiva de uma Igreja voltada para os pobres em busca de libertação. A Conferência, sentindo a realidade do povo, aborda temas como a paz, a justiça, a família, a educação etc. Frente à triste realidade de injustiça e pobreza que assolava o povo latino-americano, os bispos conferencistas deram-se conta de que Medellín devia ser uma interpretação e atualização do Vaticano II com um olhar direcionado para a realidade existencial do pobre.

Segundo Briguenti e Passos (2018, p. 151), em Medellín, a Igreja latino-americana começa a criar sua própria identidade, abandonando um reflexo europeu e apreendendo uma nova realidade eclesial:

Em Medellín, a Igreja latino-americana cessava de autocompreender-se como reflexo da Europa. Mas assumia sua vocação e seu destino de ser fonte de um novo modelo eclesial. E para isso voltava seus olhos para a realidade conflitiva

e oprimida de seus povos. 'O Episcopado Latino-Americano não pode ficar indiferente ante as tremendas injustiças sociais existentes na América Latina, que mantém a maioria de nossos povos numa dolorosa pobreza em que, em muitos casos chega a ser miséria humana'.

Justiça e liberdade eram o sonho que marcava a utopia dos pobres latino-americanos que tinham certa consciência da situação. A Conferência conseguiu apreender esta realidade, promovendo um despertar na marcha pela libertação. Não obstante os desafios enfrentados, a Igreja não separava a fé da justiça (BRIGUENTI; PASSOS, 2018, p. 151). Ao contrário, buscava configurar as novas situações a uma autêntica vivência do Evangelho. Medellín também protagonizou a voz atuante do leigo, inserido nas periferias existenciais, que absorvia profundamente a Palavra de Deus e a traduzia de maneira simples e marcante. Os resultados desta Conferência foram logo amadurecendo e dando mais sabor à Igreja, com o incremento das Comunidades Eclesiais de Base, as CEB's, que se constituíram como uma nova forma de ser Igreja no mundo (BUYST, 2012).

As CEB's protagonizaram na Igreja o sinal do Cristo pobre no meio dos pobres, de forma simples e popular. O discurso da fé e da justiça nascido de Medellín abriu os olhos da sociedade latino-americana para enxergar os destinatários do Reino de Deus, os pobres (BUYST, 2012).

A Igreja latino-americana e caribenha sentiu a necessidade de um novo pulsar na caminhada de fé, quando, pela hermenêutica do Concílio Ecumênico Vaticano II feita pela Assembleia de Medellín sentiu e entendeu a realidade latino-americana, que, por vez, é assumida pela Igreja entendida como Igreja dos pobres e para os pobres. Então podemos dizer que houve uma apreensão primordial de uma realidade cujo caráter *retentivo* estava na qualidade mais alta, a *absorção*. Foi um olhar em que a Igreja se sentiu absorvida. Os olhares anteriores também eram contatos diretos, mas eivados de indiferença e pouco detimento. O panorama da pobreza não aparecia, ou seja, não era um olhar profundo. Era como a narrativa de Jesus na parábola do “pobre Lázaro” (Lc 16,19-31). Então a Igreja enxergou o pobre Lázaro e deixou-se dominar pela solidariedade, como Deus deixou-se dominar pelo amor quando sentiu o clamor do seu povo no Egito: “Tenho visto a aflição do meu povo, e tenho ouvido o seu clamor (Ex 17,3). Esse contato real é atualização primordial da realidade, em uma relação direta com os pobres no grau da absorção. Então surgiram muitos movimentos e pastorais, em favor dos menos favorecidos e, também o protagonismo leigo nas comunidades em busca de libertação. Essa apreensão da realidade nas comunidades foi feita também por meio da arte, da liturgia, da música (TEJADA; CHERUBIN, 2016, p. 216).

Quando se fala de arte nas diversas formas de expressão, conecta-se a um tipo de caráter físico sensitivo, que é expresso no conceito de “atemperamento” (LOLAS; LOMBARDO; VILCHES, 2018, p. 180). O sentimento estético é, na verdade, a presença atualizada da realidade, que envolve a atualidade do real não apenas intrinsecamente, mas também formalmente (LOLAS; LOMBARDO; VILCHES, 2018, p. 180).

Como bem se sabe, a liturgia é um serviço orante em função do culto divino e ao povo celebrante, realizado por seus ritos, símbolos, musicalidade etc. É narrativo-descritiva, pois nasceu como a Bíblia dos iletrados (SILVA, 2018). Narra, conta fatos, expressa a realidade de um povo, faz sentir e ao mesmo tempo inteligir a presença de Deus Amor. Ao longo dos mais de 50 anos de conclusão da II Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano e Caribenho, a Igreja abriu as portas para uma experiência eclesial mais centrada no povo de Deus, constituindo o Corpo místico de Cristo e um olhar inserido na realidade do pobre (Med. 9,2). Neste sentido, o canto litúrgico também se incluiu na hermenêutica que Medellín fez do Concílio Vaticano II.

O CANTO LITÚRGICO

O canto litúrgico tem por finalidade expressar de maneira melódica e inteligível a realidade do mistério celebrado, ligada também à realidade do ser humano, como corpo eclesial vivo e partícipe do memorial salvífico de Cristo. Sendo assim, a liturgia ganha um espaço privilegiado no novo olhar da Igreja para o mundo, como apresenta a Constituição Conciliar *Sacrosanctum Concilium* sobre a Sagrada Liturgia, ao afirmar que “a Liturgia é o cume para o qual tende a ação da Igreja e, ao mesmo tempo, é a fonte donde emana a sua força” (SC 10).

Dessa forma, a música litúrgica é um tipo de arte, que tem seu caráter fenomenológico de atualidade da realidade, sendo “um estar presente a partir de si mesma, desde sua própria realidade” (LOLAS; LOMBARDO; VILCHES, 2018, p. 180). É esta realidade que a música nos faz apreender. Então, a inteligência é formalmente mera atualização do real na inteligência senciente (LOLAS; LOMBARDO; VILCHES, 2018, p. 180).

A música, enquanto realidade está presente em muitas ações diárias, linguagens e expressões, atingindo o mais profundo da pessoa. Na liturgia não é diferente. Zubiri afirma algo valioso: “o sentir humano é um sentir intelectual, é radicalmente impressão de realidade, é algo dado fisicamente” (ZUBIRI, 2011a, p. 25). A música litúrgica tem esse papel de unir o sentir e o inteligir por meio da melodia e da letra, como experiência constituída pela realidade do mistério celebrado. Ou seja, nos atualiza, ajudando-nos a sentir e inteligir o mistério celebrado. Essa apreensão consiste no fato de que estou me dando conta de que algo está presente (TEJADA;

CHERUBIN, 2016, p. 227). Em outras palavras, o mistério pascal se faz mistericamente presente de forma direta, imediata e unitária.

Sendo assim a música é parte da vida das pessoas que buscam nela apreender realidades em apreensão senciente. É algo supremamente físico. Segundo Tame (1984, p. 147),

o corpo é afetado de acordo com a natureza da música, cujas vibrações incidem sobre ele - constatação muito real e física do aforismo como na música, assim na vida! Arcordes consonantes e dissonantes, intervalos diferentes e outras características da música exercem todos um profundo efeito sobre o pulso e a respiração do homem - sobre a sua velocidade e a regularidade ou irregularidade do seu ritmo. A pressão sanguínea é abaixada pelos acordes ininterruptos e elevada pelos acordes secos, repetidos.

Logo o corpo é afetado e o homem pode ser tomado pela música. “A música e o canto, que expressam a alma de um povo, têm seu lugar privilegiado na liturgia”, de acordo com Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (1999, n. 348). A Igreja com todo o corpo ministerial é uma realidade sacramental (Constituição Lumen Gentium (LG 7).

A música litúrgica comunica realidades que são apreendidas daquilo que está sendo celebrado. Esta efusão é expressão eficaz da fé e da ação do Deus Trindade na vida da Igreja e de seus fiéis, configurando-os a Cristo pela ação do Espírito Santo (CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL, 1999, n. 346). Este canto nasce do mistério pascal do Senhor, de uma utopia marcada pela esperança de libertação, mas que se realiza e se plenifica no memorial salvífico de Jesus, nessa tonalidade de cantar a ressurreição e a eternidade (CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL, 1999, n. 350).

A Constituição *Sacrosanctum Concilium* mostrou como a música litúrgica é componente fundamental do mistério celebrado, uma vez que a assembleia, pelo conjunto de letra e melodia que dá sentido e razão ao ser Igreja, canta unida as maravilhas de Deus, na qualidade de esposa que caminha ao encontro do Cordeiro, o Esposo (SC 112).

O COMPROMISSO DO CANTO LITÚRGICO COM A REALIDADE HUMANA

Depois da Conferência de Medellín, o canto litúrgico, em muitas regiões latino-americanas, sobretudo no âmbito das comunidades eclesiais de base, cantava a realidade do povo pobre que sonhava com a libertação que a natureza da fé judaico-cristã sempre alimentou pela sua própria índole pascal. É impossível desvincular a dimensão pascal-libertadora do Êxodo. Então esse tipo de cân-

tico alimentava a esperança da terra sem males “onde correm leite e mel” (Ex 33,3). O pobre, enquanto desvalido e marginalizado, ganhou seu protagonismo através do canto que fala do direito e da justiça para todos. Aqui há uma diferença *toto coelo* em relação ao estilo do canto litúrgico que fala de um Deus separado do mundo, habitante das alturas inacessíveis. Ao contrário, estamos no horizonte de um Deus que possibilita e fundamenta o êxodo do seu povo.

Como não é nossa intenção analisar cânticos litúrgicos pós Medellín para salientar seu conteúdo libertário, mas somente mostrar que esses cânticos falam de um Deus que caminha com seu povo como líder e parceiro. Um Deus que está muito próximo dos Deus dos profetas. Por isso selecionamos um canto que consideramos o mais emblemático para mostrar os aspectos que acabamos de mencionar. Seu alcance e sua popularidade fazem desse canto um dos mais atualizados e perenes, que se canta repetidamente em assembleias litúrgicas e procissões de cunho religioso. Enriqueceu vigorosamente as liturgias através de suas expressões e enfoque na caminhada libertadora. Esta composição está muito bem embasada na letra. Composição com racionalidade e fundamentabilidade na Palavra de Deus e na realidade do povo. A união destes dois elementos nos animou na escolha para ilustrar como o pós Medellín levou o cântico litúrgico a um novo horizonte. E a metafísica e a noologia de Zubiri são um instrumental precioso e preciso para nossa análise.

Apresentamos agora o cântico litúrgico *O povo de Deus*, composto por Nely da Silva Bastos, em 1973, e gravado por Paulinas COMEP em CD intitulado: *O Cântico da Comunidades*.

O POVO DE DEUS

DR.

1. O povo de Deus no deserto andava,

Mas à sua frente alguém caminhava.

O povo de Deus era rico de nada,

Só tinha a esperança e o pó da estrada.

Também sou teu povo, Senhor

E estou nessa estrada

Somente a Tua graça me basta e mais nada.

2. O povo de Deus também vacilava;

Às vezes custava a crer no amor.

O povo de Deus, chorando, rezava

Pedia perdão e recomeçava.

Também sou teu povo Senhor,

*E estou nessa estrada
Perdoa se às vezes não creio em mais nada.*

3. O povo de Deus também teve fome
*E Tu lhe mandaste o pão lá do céu.
O povo de Deus, cantando deu graças;
Louvou teu amor, teu amor que não passa.
Também sou teu povo Senhor,
E estou nessa estrada.
Tu és alimento na longa jornada.*

4. O povo de Deus ao longe avistou
*A terra querida que o amor preparou.
O povo de Deus corria e cantava
E nos seus louvores Teu poder proclamava.
Também sou teu povo Senhor
E estou nessa estrada,
Cada dia mais perto da terra esperada.*

Este canto traduz a experiência de uma Igreja que se sente em marcha silenciosa para a terra prometida, como o antigo povo de Deus marchou pelo deserto e se tornou sinal profético da libertação no Antigo Testamento.

O primeiro elemento que gostaríamos de salientar é o conteúdo do refrão, cuja natureza é frisar o sentido do louvor cantado, como o fazem os salmos. Aí aparece a identificação pessoal e comunitária com o povo do êxodo em busca da terra prometida: **também sou teu povo, Senhor, e estou nessa estrada**. Em cada refrão aparece também uma dimensão da experiência vivida pelo povo de Deus.

No primeiro aparece a fé como fundamento da caminhada: **somente tua graça me basta e mais nada**. É a recordação da índole crente e despojada que nasceu de um “arameu errante”, que desceu ao Egito onde experimentou o vaso amargo do sofrimento causado pela opressão do Faraó. O mais importante é a intervenção de Deus, que ouve o clamor do seu povo e se envolve diretamente com ele para libertá-lo (Dt 5-10).

O segundo refrão apresenta a fraqueza na fé, que levou a povo a várias quedas, cuja saída é o reconhecimento do pecado e aceitação do perdão divino, que os colocava novamente de pé: *Perdoa se às vezes não creio em mais nada*.

No terceiro aparece o alimento como necessidade primária na longa jornada: Tu és alimento na longa jornada. Esse alimento é o próprio Deus, que com sinais proféticos do Antigo Testamento e, tendo como símbolo maior o maná do deserto (Ex 16,9-21), anunciou o Pão da vida, que é o próprio Cristo: “não foi Moisés

quem vos deu o pão do céu, mas é meu Pai que vos dá o verdadeiro pão do céu; porque o pão de Deus é aquele que desce do céu e dá vida ao mundo” (Jo, 6,32-33). É uma proclamação eucarística.

Outro termo que salientamos é a *caminhada*: “o povo de Deus no deserto **andava**”. Já identificamos neste trabalho a caminhada do povo de Deus como “**marcha** silenciosa”, assim outros autores citados falam de “Marcha para a libertação”. O termo “marcha” merece destaque, porque no pensamento de Zubiri, “marcha é *busca de realidade. É intellectus quaerens*” (ZUBIRI, 2011c, p. 14). É apreensão senciente ulterior à apreensão primordial. É “inteligir em busca” (ZUBIRI, 2011c, p.17). “É uma busca em que se entende buscando no próprio buscar” (ZUBIRI, 2011c, p.17). Para Zubiri, isso é o “pensar” (ZUBIRI, 2011c, p. 17). Então “a razão é o caráter intelectual do pensar (ZUBIRI, 2011c, p. 17).

É o nível profundo, a razão, que “não é raciocínio, mas marcha transcendental para o mundo, para a pura e simples realidade” (ZUBIRI, 2011a, p. 202). E este “para” o mundo é um *para* na direção ‘do aprofundamento, pois é “um ‘para’ dentro do real” (ZUBIRI, 2011a, p. 202). Por isso “a razão não tem de alcançar a realidade, mas já está e marcha dentro dela” (ZUBIRI, 2011a, p. 202). Aqui há uma das coisas mais inéditas do pensamento zubiriano: a valorização da apreensão primordial de realidade como condição radical para as apreensões ulteriores. É a apreensão primordial que tem força e poder para obrigar a buscar os porquês, que naturalmente estão no nível da razão. E se trata de uma questão de fé, pois diz o Apóstolo Pedro, que o cristão deve estar preparado para dar a razão da sua fé aos que a pedirem (1Pd 3,15) Neste sentido, se a Igreja não tivesse percebido o “pobre Lázaro” à sua porta, ou seja, na parte de fora, não teria buscado a razão da sua liderança em busca da terra prometida. Buscar a razão de uma realidade é estar envolvido nesta realidade inteiramente. Por isso esse canto é realmente emblemático para nossa análise.

Quando um povo marcha é porque está desdobrando a realidade primordialmente apreendida *direta, imediata e unitariamente*. É interessante como, mesmo não se referindo ao pensamento de Zubiri, há a consciência de que se deve ter como base uma relação primária e radical com a realidade, como aparece no pensamento de Rosales (2018, p. 46):

Através de uma sólida identidade eclesial latino-americana, como é a opção pelos pobres, direta, simples, sem adjetivos; a opção pela libertação, na linha da promoção humana ou libertação integral, a opção pelas comunidades eclesiais de base; a opção pela centralidade da justiça social; e a opção por uma Igreja profética.

Ao falar de marcha, estamos nos referindo à busca do fundamento último de uma realidade em que o pobre está em destaque, segundo Medellín.

Então a realidade latino-americana foi apreendida primordialmente desdobrada com o labor das simples apreensões, o que permitiu à Igreja olhar com o coração e enxergar o pobre Lázaro ou o samaritano caído à beira do caminho (10,25-37). Portanto a consciência de ser povo de Deus só pode vigorar quando esta realidade é apreendida em por si e si mesma, isto é, em apreensão primordial e desdobrada nas apreensões ulteriores ou simples apreensões. Expressa também a luta de fé pela liberdade, pela justiça e pela defesa dos pobres latino-americanos (CODINA, 2018, p. 32). O canto não deixa de assinalar o mistério da liturgia como parte integrante e necessária da vida de fé (SC 112). A sua letra traduz essencialmente o desejo da libertação, confiando em um Deus, que caminha à frente e lidera o povo em marcha para a terra prometida. Como o antigo povo, o atual povo de Deus, também fraqueja, mas sempre recomeça e não interrompe sua marcha.

Esse cântico só foi possível em âmbito litúrgico a partir da hermenêutica do Concílio Vaticano II que brotou na Conferência de Medellín, a qual sentiu e inteligiu uma realidade no hoje da história latino-americana e se colocou num caminho de busca que desloque a atual realidade para uma nova realidade, a realidade buscada (TEJADA; CHERUBIN, 2016, p. 216). Tais canções favorecem um adentrar na história e anseios do povo, em especial na realidade marcada pela luta e esperança de libertação. Não obstante, a liturgia, que interpela a humanidade, não pode reduzir-se a mera expressão de uma realidade humana frequentemente unilateral ou marcada pelo pecado (Med. 9,7).

As CEB's e diversas pastorais sociais tiveram um papel crucial como expressão litúrgica de uma vivência mais personalizante da fé, e uma prática mais livre, viva e ajustada às realidades diárias, tornando-se "sacramento histórico" da salvação (BUYST, 2012). E assim a expressão popular e mais simples da fé foi ganhando espaço. Desta forma, o Ofício Divino das Comunidades, que assumiu o "cântico das comunidades" na Liturgia das Horas, inclusive o hino analisado, nasceu da inculturação da Liturgia das Horas no Brasil, como maneira das pessoas mais simples cantarem as maravilhas de Deus (FONSECA, 2004, p. 65). Não é nosso intento, analisar o Ofício Divino das Comunidades, pois isso merece um texto dedicado todo a ele. Mas não há dúvida de que se trata de uma forma de cantar os salmos ao longo do dia a partir da opção pelos pobres que brota de Medellín.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A Conferência de Medellín foi um marco profético para a Igreja na América Latina e um exemplo para a Igreja do mundo, com seu espírito de libertação e de humildade servidora de toda humanidade (Med. 14,8). Medellín e seus ensinamentos não se esgotam, e o projeto de um novo jeito de ser Igreja latino-americana permanece em muitas comunidades e periferias existências de nossa sociedade.

de. A promoção do Evangelho da justiça e da paz reverbera em muitas realidades do continente latino-americano, marcadas pelas injustiças e pelos sinais de morte (BINGEMER, 2018, p. 151), que desafiam o seguimento a Jesus Cristo. Contudo, o canto e a música, que formam a poesia melódica, revelam a realidade do mistério do ser humano, suas lutas e sonhos que enredaram a liturgia. “Quanto mais estiver ligada ao conteúdo teológico-litúrgico do texto, melhor levará a assembleia à interiorização, à compunção, à alegria e ao louvor” (FONSECA, 2004, p. 11).

A liturgia e a música são realidades apreendidas sencientemente. Neste sentido, a interface com Zubiri é necessária para a Teologia ter uma visão atualizada do mistério pascal e uma linguagem adequada para falar ao mundo de hoje. Não é à toa que a América Latina se tornou um espaço em que o pensamento de Zubiri está sendo cada vez mais bem recebido¹.

THE HUMAN REALITY IN THE LITURGICAL CHANT AFTER MEDELLIN: ANALYSIS ON THE HORIZON OF ZUBIRIAN METAPHYSICS

Abstract: *the article aims to present the commitment to human reality, and to show that the liturgical chant illuminated by the hermeneutics of the Vatican II Council made by the Medellin Assembly expresses the Latin American reality, assumed by the Church of the poor and for the poor. In this way the liturgical chant expresses the salvific dimension of the incarnate liturgy in the search for liberation. To accomplish this, we will broadly approach the idea of sentient intelligence as a fundamental basis for knowledge, according to Zubiri. Then the liturgy sings the mystery celebrated as the passage from death to life, reinforcing the search for liberation of oppressed peoples*

Keywords: *Medellin. Reality. Sentient. Music. Zubiri.*

Nota

- 1 O caso mais conhecido é Ignacio Ellacuria (1930-1989), filósofo e teólogo jesuíta que, sendo Reitor da Universidade Centroamericana Jose Simeón Cañas, em San Salvador, foi assassinado com companheiros por membros do exército salvadorenho, por causa do conflito ideológico contra a Teologia da Libertação. Ellacuria era membro da Fundação Zubiri e aprofundava a Filosofia zubiriana em sua aplicabilidade na América Latina, embora Zubiri nunca tenha tomado partido político. Assim como Ellacuria, Jon Sobrino, teólogo espanhol radicado na América Latina, tem aprofundado estudos sobre a Filosofia de Zubiri. Desta feita, vamos encontrar na América Latina outros tantos teólogos que fizeram doutorado na Filosofia de Zubiri para melhor atuar na área da Filosofia ou Teologia.

Referências

- BRIGUENTI, Agenor; PASSOS, João Décio (orgs.). *Compêndio das conferências dos bispos da América Latina e Caribe*. São Paulo: Paulinas; Paulus, 2018.
- BUYST, Ione. Teologia e liturgia na perspectiva da América Latina: avanços e desafios. In: FAVRETTO, Clair; RAMPON, Ivanir Antonio (orgs.). *Eu sou aquele que sou: uma homenagem aos 25 anos do Instituto de Teologia e Pastoral*. Passo Fundo/RS: Berthier, 2008. p. 38-76.
- CODINA, Víctor. Medellín en su contexto eclesial. *Espaços - Revista de Teologia e Cultura do Instituto São Paulo de Estudos Superiores*, São Paulo, v. 26, n. 01, p. 23-33, 2018.
- CONCÍLIO VATICANO II, *Constituição Sacrosanctum Concilium sobre a sagrada liturgia*. 31.ed. Org. por Frederico Vier. São Paulo: Vozes, 2016. p. 259-306.
- CONCÍLIO VATICANO II, *Constituição Dogmática Lumen Gentium sobre a Igreja*. 31.ed. Org. por Frederico Vier. São Paulo: Vozes, 2016. p. 2-113.
- CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL. *A música litúrgica no Brasil: estudo 79*. São Paulo: Paulus, 1999.
- CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL. *Pastoral da música litúrgica no Brasil: documento 7*. 7. ed. São Paulo: Paulinas, 2010.
- CONSELHO EPISCOPAL LATINO-AMERICANO. *Documentos do Celam - Conselho das Conferências do Rio de Janeiro, Medellín, Puebla e Santo Domingo*. São Paulo: Paulus, 2005.
- FONSECA, Joaquim. *Cantando a missa e o ofício divino*. São Paulo: Paulus, 2004.
- FUNDACIÓN XAVIER ZUBIRI. *Xavier Zubiri, vida y obra*. Madrid: FXZ, 2013. Disponível em: http://www.zubiri.net/?page_id=361. Acesso em: 29 nov. 2018.
- LOLAS, Ricardo Espinoza; LOMBARDO, Patrício; VILCHES, Daniel. Realidad y arte em Zubiri. *Co-herencia. Revista de Humanidades*, Medellín, v. 15, n. 29, p. 179-196, jul./dic. 2018.
- PADIN, Dom Cândido; GUTIÉRREZ, Gustavo; CATÃO, Francisco. *Conclusões da Conferência de Medellín - 1968: texto oficial*. São Paulo: Paulinas, 1998.
- ROSALLES, Raúl C. Los Documentos de Medellín. Análisis literário de um texto teológico-profético. *Espaços - Revista de Teologia e Cultura do Instituto São Paulo de Estudos Superiores*, São Paulo, v. 26, n. 1, p. 35-47, 2018.
- SILVA, Dom Jerônimo Pereira. *Arte para a liturgia ou arte litúrgica?* São Paulo, 2018. Disponível em: <http://centrodeliturgia.com.br/arte-para-a-liturgia-ou-arte-liturgica/>. Acesso em: 29 nov. 2018.
- TAME, David. *O poder oculto da música: a transformação do homem pela energia da música*. São Paulo: Cultrix, 1984.
- TEJADA, José Fernández; CHERUBIN, Felipe. *O que é a inteligência? Filosofia da realidade em Xavier Zubiri*. Rio de Janeiro: Lumen Juris, 2016.
- ZUBIRI, Xavier. *Natureza, história, Deus*. São Paulo: É Realizações, 2010.
- ZUBIRI, Xavier. *Inteligência e realidade*. São Paulo: É Realizações, 2011a.

ZUBIRI, Xavier. *Inteligência e logos*. São Paulo: É Realizações, 2011b.

ZUBIRI, Xavier. *Inteligência e razão*. São Paulo: É Realizações, 2011c.

ZUBIRI, Xavier. *Sobre el hombre*. São Paulo: É Realizações, 2018.